

## A FORMAÇÃO DE TRADUTORES NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: A PRÁTICA DA TRADUÇÃO LITERÁRIA

### *TRANSLATOR EDUCATION WITH UNIVERSITY EXTRA MURAL PROJECTS: LITERARY TRANSLATION PRACTICE*



Maria Alice Gonçalves ANTUNES  
Professor adjunta  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Instituto de Letras  
Departamento de Letras Anglo-Germânica  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil  
[lattes.cnpq.br/1718162572715054](mailto:lattes.cnpq.br/1718162572715054)  
[orcid.org/0000-0003-2858-4637](https://orcid.org/0000-0003-2858-4637)  
[aliceenglishuerj@gmail.com](mailto:aliceenglishuerj@gmail.com)

Ebal Sant'Anna Bolacio FILHO  
Professor adjunto  
Universidade Federal Fluminense  
Instituto de Letras  
Departamento de Letras Estrangeiras Modernas  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil  
[lattes.cnpq.br/8998118373500736](mailto:lattes.cnpq.br/8998118373500736)  
[orcid.org/0000-0002-6050-5591](https://orcid.org/0000-0002-6050-5591)  
[ebolacio@gmail.com](mailto:ebolacio@gmail.com)

Thais Abreu VIANNA  
Mestranda em Letras  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Instituto de Letras  
Programa de Pós-Graduação em Letras  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil  
[lattes.cnpq.br/7719037180056817](mailto:lattes.cnpq.br/7719037180056817)  
[orcid.org/0000-0001-7565-7662](https://orcid.org/0000-0001-7565-7662)  
[thais.abreu.vianna2@gmail.com](mailto:thais.abreu.vianna2@gmail.com)

1

**Resumo:** O projeto de extensão “Formação de Tradutores: Prática da Tradução Literária” (FORTRALIT) teve início em 2017 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), buscando contemplar a experiência da tradução literária via duas ações principais: a tradução e/ou versão de relatos escritos por tradutores (literários) profissionais cujo tema deve ser a própria prática, e a retradução de textos literários. O artigo pretende apresentar o projeto FORTRALIT, expor brevemente algumas das atividades desenvolvidas no âmbito do projeto em geral, detalhar uma tarefa conduzida no âmbito do par linguístico português/inglês, por estagiários alunos do curso de Letras, habilitação Inglês/Literaturas e apresentar a visão de uma das estagiárias desta habilitação. A base pedagógica do projeto FORTRALIT engloba discussões acerca da formação de tradutores e tradutoras bem como a visão do projeto sobre a retradução e sobre seu uso para o ensino da tradução literária. O projeto foi concebido para seguir a didática da tradução tal como preconizada por Hurtado Albir (2005, 2020), isto é, partindo do desenvolvimento de (sub)competências tradutórias dos aprendizes, tendo por base o enfoque por tarefas. No âmbito do FORTRALIT foi escolhida, nesses primeiros anos de atividade, a tarefa da retradução (exercício de leitura, velada ou propriamente dita) como o instrumento capaz de oferecer ao mesmo tempo uma reflexão sobre a “incompletude” inerente ao processo tradutório - ao se comparar várias traduções, por exemplo - e um exercício prático de tradução seguido de reflexão e discussão a partir da comparação com modelos que seriam “canônicos”. Os resultados apontam para a visão de uma retradução relevante, possível entre as tantas outras possíveis. Destacamos, a partir da realização da tarefa e dos comentários dos estagiários, o uso deste instrumento como importante aliado para o ensino de tradução, já que não só pode promover a interação entre parceiros que trabalham (trabalharam) na execução de uma mesma tarefa, como também pode servir como instrumento promotor da reflexão retrospectiva acerca de uma tarefa já executada.

**Palavras-chave:** Educação e treinamento. Literatura. Retradução. Didática da tradução. Tarefa.

**Abstract:** The extramural project “Translator education: literary translation practice” (FORTRALIT) started in 2017 at the State University of Rio de Janeiro (UERJ). It aims at promoting the practice of literary translation through two main actions: the translation of reports written by professional (literary) translators whose subject matter should be their own professional practice, and the (re)translation of literary texts. The article intends to describe the FORTRALIT Project and to briefly expose some of the activities developed in the scope of the Project. In addition, it intends to detail a task carried out in the scope of the Portuguese/English language pair by



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

*This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.*

---

students of the Language/Literature course, and to report the views of one of the trainees. The pedagogical basis of the FORTRALIT project encompasses discussions about the training of translators as well as researchers' views on retranslation and its use for teaching literary translation. FORTRALIT favours the teaching of translation as advocated by Hurtado Albir (2005, 2020), in other words, based on the development of (sub)translation skills and on the focus on tasks. In the context of FORTRALIT, the task of (re)translation (a “reading exercise”, “stealth retranslation” or “retranslation proper”) was chosen in these first years of activity. The task seems useful as one offering both a reflection on the “incompleteness” inherent in the translation process - by comparing various translations, for example - and a practical translation exercise followed by reflection and discussion based on a comparison with models that would be “canonical”. The results point to an acceptable retranslation, one that is possible among others. We highlight, based on the completion of the task and the comments of the trainees, the use of this instrument as an important one for the teaching of translation. Not only can it promote interaction between partners who work (or have worked) in the fulfillment of the same task, but it can also serve as an instrument to promote retrospective reflection on a task which has already been carried out.

**Key words:** Training. Literature. Retranslation. Translation Didactics.

**O** projeto de extensão “Formação de Tradutores: Prática da Tradução Literária” (FORTRALIT doravante) teve início em 2017 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ doravante), buscando contemplar a experiência da tradução literária via duas ações principais: a tradução e/ou versão de relatos escritos por tradutores (literários) profissionais cujo tema deve ser a própria prática, e a retradução de textos literários.

2 Esclarecemos desde já que para os fins deste projeto de extensão, a literatura é vista de maneira mais abrangente, pois inclui, “ao lado dos poemas, romances, novelas e obras dramáticas, o vasto domínio da escrita narrativa destinada ao uso público ou pessoal, além do ensaio e da reflexão”, textos que ampliam nosso universo, e incitam-nos a “imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo” (Todorov, 2009, p. 23).

A questão que nos motiva é a preocupação, no que tange ao papel do cientista como divulgador dos conhecimentos que ajudam a construir, com os efeitos do cultivo, na vida comum, de algumas práticas que parecem contribuir para desabonar, no imaginário da população menos iniciada, o ofício do tradutor ou a complexidade que está envolvida na atividade de tradução, em geral, e de tradução literária, em particular. O projeto conta com a participação de alunos do curso de Letras (habilitações de Inglês/Literaturas, Português/Francês, Português/Italiano, Português/Alemão, Português/Espanhol), sob a supervisão de docentes de cada uma das habilitações do curso de Letras.

Este artigo pretende apresentar o projeto FORTRALIT, expor brevemente algumas das atividades desenvolvidas no âmbito do projeto em geral, detalhar uma tarefa conduzida no âmbito do par linguístico português/inglês, por estagiários alunos do curso de Letras, habilitação Inglês/Literaturas e apresentar a visão de uma das estagiárias desta habilitação. Está organizado em cinco seções, incluindo esta introdução, dispostas da seguinte forma: a primeira

---

seção apresenta o projeto, traz a justificativa para a criação do mesmo considerando para tal não só o ambiente do Instituto de Letras da UERJ, mas também a cidade do Rio de Janeiro, em especial. Na mesma seção, apresentamos também seus objetivos gerais e seus objetivos específicos. A segunda seção apresenta a base pedagógica do projeto que engloba discussões acerca da formação de tradutores e tradutoras bem como a visão do projeto sobre a retradução e sobre seu uso para o ensino da tradução literária. A terceira seção apresenta uma tarefa de retradução desenvolvida no âmbito do projeto pelos estagiários de língua inglesa. Em seguida, a quarta seção traz um relato escrito por uma das estagiárias do projeto FORTRALIT, no qual narra suas impressões sobre a tarefa de retradução de um capítulo. Ao final, na quinta seção, apresentamos as considerações finais deste artigo, recuperando as discussões geradas ao longo do texto e indicando as perspectivas futuras do projeto.

### **O Projeto de Extensão FORTRALIT: Breve Descrição, Justificativa e Objetivos**

O projeto de extensão FORTRALIT reúne sete professores-pesquisadores e uma doutoranda do Instituto de Letras (ILE) da UERJ, vários estagiários voluntários (ocasionais) e cinco estagiários-bolsistas<sup>1</sup> que cursam as habilitações Português/Francês, Português/Alemão, Português/Espanhol, Inglês/e respectivas Literaturas no ILE, além de um professor de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF). Os estagiários-bolsistas são selecionados a cada dois anos por cada um dos professores com base em critérios estabelecidos a partir das especificidades das tarefas a serem executadas no âmbito do FORTRALIT. Em geral, considera-se também o desempenho dos estagiários nas disciplinas da grade curricular, a saber: língua portuguesa, línguas e culturas francesa, alemã, espanhola e inglesa. Finalmente, realiza-se uma entrevista para que os interessados possam revelar as principais razões de interesse no projeto.

É importante esclarecer que a seleção dos bolsistas só acontece depois que a concessão de bolsas de Estágio Interno Complementar (EIC) é aprovada pelo CETREINA, que é o Departamento de Estágios e Bolsas da PR1 (Pró-Reitoria de Graduação) ou pelo Departamento de Extensão da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (DEPEXT). Durante a vigência da bolsa de EIC, o bolsista realizará “práticas supervisionadas visando a complementação acadêmica”<sup>2</sup>. A bolsa de Extensão destina-se também a “aprofundar a participação na vida universitária; incentivar o desenvolvimento de programas e projetos considerados estratégicos para a Universidade; estimular, indiretamente, a melhoria do ensino de graduação, através do efeito multiplicador da ativação de um grupo de alunos junto ao corpo docente e discente; estimular

---

ANTUNES, Maria Alice Gonçalves; FILHO, Ebal Sant’Anna Bolacio; VIANNA, Thais Abreu. A formação de tradutores na extensão universitária: a prática da tradução literária. *Belas Infieis*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 01-20, 2021. e-ISSN: 2316-6614. DOI: <https://doi.org/10.26512/belasinfeis.v10.n2.2021.32721>

---

a permanência do aluno na Universidade, reduzindo a evasão”<sup>3</sup>. Dada a importância da tradução em todos os tempos e no mundo (pandêmico) atual, em especial, cremos que o projeto FORTRALIT oferece muitas condições para a complementação da vida acadêmica do aluno, já que o Instituto de Letras não oferece o curso de Formação de Tradutores. Além disso, o projeto é estratégico para a UERJ na medida em que auxilia a formação, desenvolve a consciência crítica, estimula a proximidade entre alunos, professores, e autores de vários tipos de textos.

Os objetivos em jogo neste projeto expressam o seu envolvimento com duas realidades com que se defrontam os docentes a ele ligados, ambas relacionadas à posição desses docentes, como representantes da área de conhecimento em que atuam, frente ao que reconhecem como interesse, necessidade e/ou proveito da sociedade. Uma dessas realidades diz respeito à população “interna” (mais iniciada) que o projeto acolhe, referente aos alunos vinculados aos estudos das áreas de línguas, literaturas e de tradução, que já cursaram ou que estejam cursando Letras na UERJ ou em outras universidades, situadas no Rio de Janeiro e adjacências, que carecem de cursos de Tradução Literária. No espaço da UERJ, verificamos, por exemplo, que

4 é significativo o número de alunos que nos procuram para compartilhar interesse por tradução literária, em especial, e buscar informações sobre as oportunidades do desenvolvimento de habilidades para exercer essa atividade.

Antunes e Pessoa (2018) organizaram uma publicação que oferece um excelente panorama das atividades e projetos ligados à tradução desenvolvidos no Instituto de Letras da UERJ. Dentre eles, muitos são voltados para a tradução literária; p.ex. Antunes (2018) faz uma análise do papel dos autotradutores latino-americanos na difusão de suas próprias obras nos países de língua inglesa; Arêas (2018) descreve o trabalho de tradução e atualização de textos literários italianos dos séculos XII ao XVIII; Braga (2018) descreve o trabalho de tradução do grego clássico na UERJ; Moura e Bolacio (2018) descrevem o projeto de tradução das lendas dos Irmãos Grimm com a participação ativa dos graduandos da habilitação Português/Alemão e Valente (2018) discorre sobre a recepção da tradução da literatura afro-diaspórica nos Estados Unidos, na França e no Brasil.

Nota-se, portanto, que apesar de não haver uma formação de tradutores no curso de Letras na UERJ, que tradicionalmente é uma exímia formadora de professores, existe uma grande gama de atividades levada a cabo pelos docentes e que tratam tanto da teoria quanto da prática tradutória. Muitos estudantes encontram nesses projetos, portanto, um campo de aprendizado teórico-prático na área da tradução.

---

A outra realidade com a qual nos defrontamos diz respeito à população “externa”, ou menos iniciada no campo dos estudos das Letras, os interessados provenientes de outros campos do saber: a possibilidade de conhecer as particularidades desse campo e o próprio valor social e instrucional dessas particularidades. Referimo-nos aos indivíduos que se dedicam à atividade de tradução de forma independente, que podem vir a se beneficiar de uma oportunidade de contato mais direto com a comunidade acadêmica e de vivência prática da sistematicidade própria ao modo como habitualmente desenvolve e opera suas atividades, isto é, com recurso rigoroso a parâmetros teóricos e metodológicos.

O projeto de extensão FORTRALIT tem como objetivos gerais: a democratização do acesso aos cursos de tradução literária, cuja oferta encontra-se hoje fortemente limitada às instituições privadas na cidade do Rio de Janeiro, em especial; e, a popularização do ensino e da prática da tradução literária, facilitando o acesso de alunos vinculados aos cursos de Letras, da UERJ ou de outras universidades, de indivíduos menos “iniciados” no campo das Letras e de indivíduos que se dedicam à atividade de tradução de forma independente. Entre seus objetivos específicos, estão: a disseminação entre o público alvo, já imerso ou menos iniciado nas discussões próprias do universo teórico-metodológico dos Cursos de Letras, ou de outros Cursos da área das Humanidades, em especial, dos discursos especializados acerca da atividade de tradução literária e das demandas nelas envolvidas, a fim de promover engajamento com esses discursos; contribuir para que os indivíduos que estejam interessados em orientar sua formação para a área da tradução literária possam dispor de oportunidades para vivenciar as particularidades dessa área e ampliar sua compreensão dos diversos aspectos envolvidos nessa modalidade de tradução; e, finalmente, contribuir para aqueles que se dedicam à tradução de forma independente possam dispor de recursos que os ajudem a travar uma interação mais sistemática e informada com a prática da tradução literária.

5

### **A Base Pedagógica do Projeto de Extensão FORTRALIT**

A questão do ensino/didática da tradução é um tema de extrema importância para o projeto em tela e está intrinsecamente ligada à noção de competência tradutória (doravante CT) vista como “um conhecimento especializado, integrado por um conjunto de conhecimentos e habilidades que singulariza o tradutor e o diferencia de outros falantes bilíngues e não tradutores” (Hurtado Albir, 2005, p. 19). Desde o trabalho de Schäffner e Adab (2000), *Developing translation competence*, a CT, vem sendo discutida de forma mais sistemática pelos pesquisadores da área da tradução. Porém, como afirma Gonçalves (2015, p. 115), ainda

---

“(…) são poucas as [iniciativas] que têm promovido um diálogo mais direto e substancial com a didática da tradução.”

Um dos grandes expoentes da discussão sobre CT é sem dúvida a professora e pesquisadora Amparo Hurtado Albir, do grupo Procés d'Adquisició de la Competència Traductora i Avaluació (PACTE) da Universidade Autônoma de Barcelona e que muito tem contribuído para a difusão da discussão acerca desse tema no Brasil. Hurtado Albir (2005), havia descrito em seu artigo “A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos” de maneira bastante detalhada quais seriam, além de componentes psicofisiológicos, as cinco subcompetências necessárias para a formação de um tradutor, as quais continuam presentes em seu artigo de 2020 (Hurtado Albir et al., 2020):

1. Subcompetência bilíngue.
2. Subcompetência extralinguística.
3. Subcompetência de conhecimentos sobre tradução.
4. Subcompetência instrumental.
5. Subcompetência estratégica.

6

Gonçalves (2015, pp. 118-121) faz uma proposta das subcompetências necessárias à aquisição da CT a partir do trabalho de Gonçalves e Machado (2006), a qual era ainda mais detalhada. Sua proposta engloba 10 subcomponentes para a CT, a saber:

1. Capacidade pragmática / estratégica.
2. Capacidade linguística / metalinguística nas línguas de trabalho.
3. Capacidade sociolinguística / estilística / textual / discursiva nas línguas de trabalho.
4. Capacidade nas culturas das línguas de trabalho.
  - 4.a) Capacidade em cultura geral.
5. Capacidade temática.
  - 5.a) Conhecimento terminológico.
6. Conhecimento teórico e meta-teórico sobre tradução.
7. Habilidade no uso de tecnologias aplicadas à tradução.
  7. a) Habilidade em pesquisa.
8. Habilidade sócio-interativa / profissional.
9. Fatores psicofisiológicos.

---

9.a) Fatores emocionais/ subjetivos.

10. Conhecimentos / habilidades não diretamente relacionados.

No entanto, em seu artigo publicado em 2020, Hurtado Albir descreve novamente as cinco subcompetências delimitadas já em 2005 pelo grupo PACTE, mas apresenta as seis competências específicas a serem trabalhadas durante a formação de tradutores, a saber:

1. Competência metodológicas e estratégicas.
2. Competências contrastivas.
3. Competências extralinguísticas.
4. Competências profissionais.
5. Competências instrumentais.
6. Competências textuais.

Apesar de as cinco ou seis (sub)competências descritas por Hurtado Albir (2020) serem menos numerosas que os 10 subcomponentes identificados por Gonçalves (2015), cremos que os dois modelos são comparáveis e abrangem de forma geral os mesmos elementos que ambos os pesquisadores julgam indispensáveis para a formação de um profissional da tradução.

O trabalho de Gonçalves (2015) tinha por objetivo analisar os currículos dos cursos de tradução ou que se propunham a formar de alguma maneira tradutores no Brasil a partir das capacidades, habilidades, fatores e conhecimentos por ele apresentados. Não foram analisados por ele os cursos de licenciatura ou de bacharelado em Letras que não ofereciam disciplinas teóricas ou práticas de tradução, ainda que seus perfis afirmassem que os egressos estariam habilitados a traduzir. Não entraremos aqui na análise curricular por ele efetuada, a qual merece, porém, todo nosso reconhecimento.

No entanto, como o projeto FORTRALIT está registrado e é implementado em uma universidade (UERJ) que não possui bacharelado em tradução, mas oferece duas disciplinas optativas de tradução<sup>4</sup>, achamos interessante ver em que medida o projeto proposto por nós pode colaborar no sentido de fomentar a aquisição dos subcomponentes descritos por Gonçalves (2015) e das competências retratadas por Hurtado Albir (2020), tanto nos graduandos de Letras da UERJ quanto no público interessado de fora da universidade, já que se trata de um projeto de extensão.

---

Na nossa opinião, o trabalho proposto no âmbito do projeto ora detalhado e que será relatado mais adiante no presente artigo, colabora para o desenvolvimento - senão de todas, pelo menos em parte – das capacidades, habilidades, conhecimentos e competências supracitadas na medida em que propõe um trabalho de leitura e discussão teórica sobre a tradução que precede e acompanha a prática tradutória através de tarefas de tradução. Trata-se de uma tentativa de oferecer um espaço de reflexão teórica, bem como de prática de tradução, embora tenhamos consciência de que não temos como abranger todas as competências que uma formação de fato poderia oferecer.

Para fomentar as (sub)competências desejadas, cremos que a abordagem (ou enfoque) por tarefas, advinda da didática de ensino de línguas estrangeiras, e defendida por Hurtado Albir (2005, 2020), é a metodologia a ser seguida e é, por isso, a base do trabalho feito pelos componentes do projeto em tela, como definida abaixo:

(...) retomando as características da tarefa segundo Zanón (1990), definimos a tarefa de tradução como uma unidade de atividades, representativa da prática da tradução, que se destina à aprendizagem da tradução e que possui um objetivo concreto, uma estrutura e uma sequência de trabalho (Hurtado Albir (b) 56). (Hurtado Albir, 2020, p. 397)

O tipo de tarefa que está no cerne do projeto é a de retradução, que será detalhada a seguir.

### ***A Retradução e a sua Utilização como Tarefa para o Ensino de Tradução***

Nossa proposta tem como fonte de inspiração o argumento apresentado por André Lefevere em seu “Translation and Comparative Literature: The Search for the Centre” (1991). No artigo, Lefevere sinaliza que “traduções antigas e/ou diferentes de um mesmo texto podem ser muito esclarecedoras”<sup>5</sup> (1991, p. 130). De fato, acreditamos que a retradução, tida como “o ato de traduzir uma obra que já foi traduzida para o mesmo idioma ou o resultado de tal ato, ou seja, o próprio texto retraduzido” (Gürçaglar, 2009, p. 236)<sup>6</sup>, é também uma “representante da relatividade histórica da tradução” (Desmidt, 2009, p. 670)<sup>7</sup>. Ou seja, podemos partir do princípio que as retraduições representam, em geral, as demandas dos contextos sócio-histórico-culturais a que se destinam.

Ao abordar, de maneira exclusiva, a tradução literária, Antoine Berman (1990) aponta a incompletude como característica da tradução e a retradução como tentativa possível de sua



---

conclusão. Para Berman, e sua denominada hipótese da retradução, as primeiras traduções tendem a domesticar o texto, aproximando-se do público-alvo. As traduções subsequentes, por outro lado, percorrem o caminho contrário, e estrangeirizam o texto traduzido, aproximando-se do texto original, sua forma e estilo (Gürçaglar, 2009, p. 234). Em outras palavras, podemos também afirmar que as primeiras traduções buscam a aceitação do público leitor a que se destinam e, por isso, perseguem a familiaridade com esse público, naturalizando o texto traduzido. Uma vez aceitas por esse leitor, estabelecidas no mercado literário estrangeiro, as retraduições podem fazer o caminho de volta, empenhando-se na intimidade com o original, distanciando-se do público-alvo. Entretanto, “vários estudos de caso desafiam a hipótese da retradução, demonstrando que as primeiras traduções nem sempre são domesticadoras, e nem todas as subsequentes são estrangeirizadoras” (Koskinen & Paloposki, 2003, p. 22)<sup>8</sup>.

Nossa proposta baseia-se, ademais, naquela apresentada por Jonathan Evans em seu “Translation as a Critical Practice: Using Retranslation when Teaching Translation” (2014, pp. 199-209). No artigo, Evans expõe sua proposta de ensino de tradução em que integra teoria e prática mediante o uso de retraduições, não sem antes apontar a posição marginal que o conceito ocupa dentro da disciplina dos Estudos da Tradução. O pesquisador cita os poucos artigos sobre o tema, a concentração de discussões nas áreas da literatura e do teatro, além das raras incursões no campo da filosofia, dos artigos científicos e dos documentos institucionais (Evans, 2014, p. 200). Evans descreve também o escasso emprego da retradução no processo de ensino/aprendizagem de tradução nos principais manuais e livros de referência usados para o treinamento de tradutores lançados entre 1992 e 2012. Podemos citar como exemplo o livro *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação* (2000), muito utilizado no contexto brasileiro do ensino de tradução. Não há atividades, entre as muitas no volume, que utilizem a retradução como estratégia, embora ela possa ser utilizada, já que o livro traz as respostas aos exercícios propostos, inclusive textos traduzidos.

Evans descreve três exercícios de retradução por ele utilizados no treinamento de aprendizes de tradução. A primeira atividade é, como o próprio autor declara, “um exercício de leitura” (Evans, 2014, p. 204)<sup>9</sup> em que os alunos leem e depois comentam duas (ou mais) traduções diferentes de um mesmo texto fonte. O objetivo do professor, nesse caso, é fazer que os alunos avaliem as traduções e assim desenvolvam a compreensão acerca do processo tradutório e, além disso, a “prática da descrição e análise de traduções com o uso da metalinguagem adequada” (Evans, 2014, p. 204)<sup>10</sup>, já que os alunos devem ler, comparar os textos, localizar as diferenças entre as traduções e discutir suas possíveis causas. A discussão

---

é também a chave para a correlação entre a teoria e a prática e a sua profundidade dependerá do nível dos alunos, do tempo disponível para a atividade e poderá levar à pesquisa sobre o período em que as (re)traduções foram escritas, ou sobre os tradutores, possíveis prefácios, posfácios e/ou entrevistas publicadas. Ou seja, a análise (textual) comparativa pode transformar-se em uma análise histórica e sociológica (Evans, 2014, p. 205).

10 A segunda atividade é denominada “retradução velada” (Evans, 2014, p. 205)<sup>11</sup>, pois os alunos não sabem, no primeiro momento, que o exercício será o de traduzir um texto já traduzido e publicado anteriormente. É apresentado a eles, simplesmente, um texto para tradução. Executada a tarefa, os alunos devem comparar as próprias traduções às de seus colegas de classe, anotar as diferentes soluções e, durante o processo de discussão das soluções encontradas, aperfeiçoar a compreensão do texto lido e traduzido. Não é novidade que “dar *feedback* aos colegas pode ajudar a aumentar a competência dos próprios alunos” (Biggs & Tang, 2011, p. 147)<sup>12</sup>. Como já discutimos anteriormente em pesquisa sobre o *feedback* escrito em redações de aprendizes de inglês como língua estrangeira, “refletir sobre o que se faz parece ser a técnica mais eficiente para a aprendizagem” (Antunes, 1994, p. 208). Ao fornecer o *feedback* durante o processo de discussão das soluções de tradução, os aprendizes, de certa forma, recriam o processo de tradução, relembrando, justificando e explicando escolhas a seus pares, aumentando assim suas competências específicas e sua CT enquanto desenvolvem a visão crítica sobre a própria prática. É ainda importante apontar, mais uma vez, que o ensino de tradução deve ter seu “foco no processo de tradução” (Hurtado Albir, 2015, p. 258), como já havia argumentado Jean Delisle (1980). Ressaltamos que o fornecimento de *feedback* em pares ou pequenos grupos pode ser uma estratégia bastante produtiva se desejamos manter o foco da aprendizagem no processo. Destacamos também que, no caso de a atividade ser desenvolvida em sala de aula, é função do professor de tradução atuar como facilitador ao monitorar atenta e cuidadosamente a atividade, encorajando a participação dos aprendizes de tradução, atuando como mediador, sem assumir para si a postura por vezes autoritária e bastante desconfortável de único conhecedor e proprietário conhecimento. Finalizado o processo, os alunos estarão prontos para contrastar o resultado de seu trabalho à tradução publicada. Evans afirma que após todo o zeloso processo de discussão e análise, “é menos provável que aceitem a tradução publicada como a versão definitiva. Eles podem tratá-la como apenas uma entre as várias soluções possíveis” (Evans, 2014, p. 205)<sup>13</sup>. E podem tratar sua própria tradução como outra possibilidade.

---

Evans assinala duas eventuais dificuldades desse tipo de atividade: o possível curto período de tempo disponível para a análise comparativa entre os textos traduzidos pelos alunos e, em seguida, entre as traduções e o original; e, a “segunda possível dificuldade pode aparecer se os aprendizes não se sentirem capazes de criticar um texto publicado” (Evans, 2014, p. 205)<sup>14</sup>. Para lidar com elas, Evans sugere que os alunos façam as traduções como dever de casa ou que os comentários sejam postados em um site ou em um ambiente virtual de aprendizagem (Evans, 2014, p. 205). Quanto à autoridade da tradução publicada, espera-se que a apresentação da tradução publicada depois que os alunos já traduziram e analisaram cuidadosamente seu trabalho mostre que eles também são capazes de produzir soluções relevantes (Evans, 2014, p. 205).

O terceiro tipo de atividade denomina-se “retradução propriamente dita” (Evans, 2014, p. 205)<sup>15</sup>, já que agora os aprendizes recebem um texto e devem produzir uma versão diferente daquela que receberam. Evans classifica esta atividade como autêntica, já que ela é “algo que os tradutores geralmente precisam fazer na tradução literária, em especial” (Bellos, 2011, p. 307)<sup>16</sup>. A diferença entre a atividade proposta por Evans e a prática profissional está nos comentários que os aprendizes devem fazer. Tais comentários devem versar sobre as diferenças entre a tradução que produziram e a tradução publicada. É bastante relevante que Evans sugira o uso de ensaios que possam servir como referência para as ponderações, ou observações, que os aprendizes devem produzir. Entre os ensaios sugeridos estão os de Marilyn Booth (2008), Cristina Marinetti e Margaret Rose (2013) e Clive Scott (2006). Evans transforma a atividade de comentar em um diálogo crítico entre aprendizes, profissionais e pesquisadores de tradução. Ademais, Evans (2014, p. 207) sugere ainda que a atividade de retradução propriamente dita transforme-se em seguida em projetos nos quais os próprios aprendizes busquem o texto que desejam retraduzir e comentar.

11

### **FORTRALIT: Uma Tarefa de Retradução Velada**

Desde que foi criado em 2017, foram realizados eventos e atividades que pretenderam atingir os objetivos propostos. Assim, o projeto ofereceu, periodicamente, o evento “Conversas com profissionais da Tradução Literária”, que contou com a participação de pesquisadores, profissionais da tradução literária, e de membros das comunidades interna (“mais iniciada”) e externa (ou “menos iniciada” no campo dos estudos de Letras).

Além do evento, os estagiários voluntários e permanentes realizam, com mais frequência, a tarefa de retradução de textos literários. O primeiro texto selecionado para a

---

“retradução velada” (Evans, 2014, p. 205) foi *A Thousand Splendid Suns* (2007) / *A Cidade do Sol* (2007) do escritor afegão Khaled Hosseini, traduzido para o português por Maria Helena Rouanet. Os aprendizes deveriam traduzir o primeiro capítulo do livro sem que tivessem lido ou analisado o capítulo do livro já traduzido para o português.

É importante apontar que desde as primeiras reuniões realizadas pudemos observar que foi necessário, em primeiro lugar, desconstruir práticas e convicções que “desabonam o ofício do tradutor” e a tradução propriamente dita. Em nossas reuniões, pudemos observar como os aprendizes, alunos da habilitação Inglês/Literaturas do curso de Letras, expressavam a preferência pela escrita original em inglês. O romance traduzido, segundo os aprendizes estagiários do projeto aqui apresentado, é normalmente escolhido para a leitura se, e somente se, não existe, para os alunos da habilitação, a possibilidade de aquisição do original, por serem esses originais (importados) de valor financeiro elevado. Suas declarações evidenciavam a quase total falta de confiança, por assim dizer, na tradução como possibilidade de acesso aos romances e poemas, que só poderia ser conseguido se esses romances e poemas fossem lidos na língua inglesa, em especial, mesmo que esses alunos estivessem ali, mostrando-se, em princípio, interessados na formação em tradução literária. Destacamos, então, a relevância do projeto FORTRALIT para a comunidade interna: a atividade mostrou-se considerável pois gerou, logo nas primeiras reuniões, o debate acerca da importância do papel da tradução para a circulação da literatura. A partir dessa atividade, sugeri a leitura do artigo intitulado “A circulação da literatura brasileira nos Estados Unidos: o caso da série literatura brasileira em tradução da Tagus Press” (2018, pp. 513-528), que discute o caso da editora universitária que publicou títulos da literatura brasileira selecionados por um professor titular de universidade carioca, conhecido na comunidade universitária internacional. É interessante e surpreendente verificar o papel de editoras universitárias norte-americanas na difusão da literatura brasileira e a quase total falta de conhecimento que os alunos brasileiros estudantes de inglês/literaturas no Instituto de Letras da UERJ, campus Maracanã, possuem desse papel.

Ademais, a atividade gerou o debate acerca da pedagogia da literatura e, em especial, do uso de textos traduzidos na sala de aula. Há “uma tendência geral, tanto no ensino como nas publicações, de omitir o *status* de textos traduzidos como sendo traduzidos, tratando-os como textos escritos originalmente na língua-alvo” (Venuti, 2002, p. 171), um dos escândalos da tradução, discutidos por Lawrence Venuti. Ainda que vários anos tenham se passado desde a publicação do texto de Venuti, ainda percebemos nesses alunos, aprendizes de tradução literária, a falta de consciência crítica acerca da necessidade de tratamento pedagógico diferente

---

em relação ao texto original e ao texto traduzido. São descobertas, de certa forma, curiosas dado o interesse demonstrado, antes mesmo do início da implementação do projeto, na tarefa de tradução literária.

Em relação à tarefa de “retradução velada” (Evans, 2014, p. 205), pudemos observar alguns aspectos significativos. Cada aprendiz trabalhou em casa e, antes do primeiro encontro presencial do grupo, enviou sua tradução por e-mail para a professora que analisou cada uma delas. Além disso, os estagiários trocaram seu trabalho de tradução por e-mail e suas impressões e comentários sobre a tradução do par. O *feedback* detalhado, contudo, foi dado em sala depois que os estagiários voluntários e permanentes do projeto trocaram suas impressões acerca das estratégias e escolhas de tradução do capítulo. O processo de comparação entre as traduções rendeu observações registradas manualmente pela professora supervisora dos estagiários de inglês. Por motivos de ordem prática, neste artigo nos concentraremos em um exemplo que proporcionou a oportunidade de desenvolvimento das subcompetências extralinguística, de conhecimentos sobre tradução e instrumental (Hurtado Albir, 2020, p. 380). Acreditamos que nossa escolha demonstra, por exemplo, que é necessário que os estagiários interessados em tradução literária, que cursam a habilitação Inglês/Literaturas, construam percepção mais apurada acerca do que significa “saber o significado de um vocábulo” e “saber traduzir um vocábulo”. Vejamos o exemplo em itálico: “the hand-painted *finches* and chrysanthemums” (Hosseini, 2007, p. 3, grifo nosso). Um dos estagiários optou por “tentilhões” para substituir o termo “*finches*”. O argumento em defesa da opção por “tentilhões” é o significado apresentado no dicionário e a preferência pela fidelidade ao texto original. Ficou evidente aqui alguma familiaridade com o discurso teórico tradicional dos estudos da tradução, ou seja, algum conhecimento sobre tradução. Nenhum dos estagiários demonstrou, por outro lado, a preocupação com o co-texto<sup>17</sup>, já que a linguagem do romance *A Thousand Splendid Suns* utiliza termos “estranhos” ao inglês, mas habituais à língua original falada pelas personagens. Ocupar o texto de *A Cidade do Sol* com outros termos pouco comuns em português – como “tentilhões” – não seria uma estratégia adequada, pois poderia causar um número demasiado grande de estranhamentos no campo cultural. A ocasião propiciou o início da discussão acerca das subcompetências de conhecimento sobre tradução, extralinguística e instrumental, já que não se pode discutir só o significado proposicional do termo, ou “o resultado da relação entre a palavra/enunciado e aquilo a que se refere ou que descreve num mundo real ou imaginário, concebido pelos falantes da língua particular que pertence aquela palavra/enunciado” (Alves et al., 2000, p. 89), mas é preciso também e, em especial, analisar a

---

adequação de seu uso dado o co-texto do romance. Ou seja, é preciso desenvolver a subcompetência de conhecimentos sobre tradução literária. Ademais, ocasiona o desenvolvimento da subcompetência instrumental, pois foi indispensável a discussão acerca das fontes de consulta, tais como dicionários de vários tipos, por exemplo.

A comparação com o texto traduzido pela tradutora profissional causou certa surpresa, do ponto de vista da professora que supervisiona o projeto de língua inglesa, já que as muitas diferenças entre as retraduições produzidas pelos estagiários e a tradução produzida pela profissional não pareceram causar desestímulo. Teria nos parecido natural que os alunos iniciantes no ofício de traduzir um texto literário manifestassem abatimento ao perceber que o produto de seu trabalho não pode ser visto como um bom resultado. Entretanto, os estagiários do projeto não se mostraram frustrados. Pelo contrário.

A partir das discussões iniciais entre os estagiários, pode-se concluir que o fato que o romance se destina a um público leitor de massa e pertence a um círculo de literatura visto como mais popular pode ter contribuído para que os estagiários não tivessem se sentido afetados pelo “poder” do original. Tal pertença também pode ter contribuído para a construção de uma visão acerca de traduções mais populares, produzidas com mais rapidez, e sem a premência de uma tradução de alta qualidade, a princípio. De fato, o romance *A Thousand Splendid Suns* foi lançado em 2007, nos Estados Unidos, e sua tradução para o português, *A Cidade do Sol*, foi lançada no mesmo ano. Novamente, vemos a necessidade de um projeto que combata a percepção que desabona, “no imaginário da população menos iniciada, o ofício do tradutor ou a complexidade que está envolvida na atividade de tradução, em geral” (ver segundo parágrafo). É importante ressaltar, entretanto, que Maria Helena Rouanet é uma tradutora experiente e que já havia traduzido, por exemplo, *The Kite Runner / O Caçador de Pipas*, do mesmo autor (Khaled Hosseini). Finalmente, a posição dos estagiários parece confirmar aquilo que Evans afirma em relação à atividade de retradução velada: depois de compararem as próprias traduções, discutirem o processo de trabalho e verificarem as opções possíveis, já fica claro que também são capazes de produzir traduções possíveis (Evans, 2014, p. 205).

### **FORTRALIT: Breve Relato da Estagiária da Habilitação Inglês/Literaturas**

Sou estagiária-bolsista do projeto de extensão FORTRALIT, mas me parece pertinente retratar, ainda que de forma breve, algumas das experiências vividas por todos os estagiários (eu mesma, a única estagiária bolsista de língua inglesa, e os bolsistas voluntários) do projeto,

---

de seu ponto de vista particular. Como as atividades propostas pela orientadora visam ao conhecimento teórico e prático, foi importante que uma das primeiras atividades envolvesse a leitura de um capítulo escrito pelo tradutor literário profissional norte-americano Gregory Rabassa. A atividade teve por objetivo estimular o processo de construção de consciência acerca de todo esforço envolvido na tradução literária e de desconstrução da ideia de que o texto traduzido possui menor valor. O capítulo faz parte do livro *If This Be Treason: Translation and Its Dyscontents* (2005) e descreve a experiência do autor/tradutor ao traduzir algumas das obras de Jorge Amado.

Lemos o capítulo a fim de termos um contato inicial com o relato de um tradutor literário profissional, mas, principalmente, com seu processo tradutório, com as investigações realizadas pelo tradutor profissional, suas pesquisas e os seus desafios ao traduzir para a língua inglesa obras que trazem complexidades linguísticas e marcas culturais muito regionais. Após a primeira atividade, foi realizada uma reunião com a orientadora para conversarmos sobre as nossas impressões acerca do relato de Rabassa.

Quando a primeira tarefa nos foi apresentada, a tradução do capítulo do romance *A Thousand Splendid Suns* (2007), *A Cidade do Sol* (2007) na tradução brasileira, a obra foi recebida com um certo alívio, pois talvez se a orientadora tivesse nos apresentado uma obra tradicionalmente vista como canônica logo de início, poderia causar algum tipo de bloqueio ou inibição por parte dos estagiários voluntários e bolsistas. Parece existir um “peso”, juntamente com uma responsabilidade, em traduzir obras aclamadas, cujo autores são tidos como canônicos em um sistema literário.

Quanto ao livro proposto, todos se mostraram familiarizados, mas não necessariamente com a temática do enredo. Na verdade, o enredo suscitou certa curiosidade. Como dito, foi solicitada a tradução do primeiro capítulo apenas, e a tarefa tradutória foi realizada individualmente. Além de encaminhar o trabalho final para a orientadora, fomos instruídos a compartilhar nossas traduções com algum colega. As duplas deveriam ler as traduções uns dos outros e fazer comentários sobre as soluções tradutórias, semelhantes e distintas, antes da reunião oficial com a orientadora.

Para minha surpresa, os erros foram pouco frequentes, e pode-se afirmar que o compartilhamento do trabalho entre os voluntários foi muito proveitoso. A oportunidade de ter seu próprio conteúdo lido e comentado por um colega proporcionou o entendimento das diversas possibilidades tradutórias para o mesmo texto, algo que foi desmistificado, uma vez que não há uma tradução única. Quando a reunião com a orientadora aconteceu, a fim de dar o

---

*feedback* à luz da tradução oficial, os comentários não foram recebidos com apreensão, dada a possibilidade de considerarmos nossas traduções “não tão ‘boas’”, mas, pelo contrário, depois de todos comentarem seus próprios textos e analisarem o da tradutora oficial, observamos que nenhuma opção possível deveria ser descartada, mesmo que sejamos apenas iniciantes na área de tradução literária.

Outro ponto é válido comentar. Além de perceberem a complexidade do ato tradutório, e a necessidade de pesquisas que são essenciais para um tradutor, os estagiários também viram que a análise da tradução sem nenhum conhecimento do processo leva a uma problemática opinião baseada em achismos. Ou seja, os estagiários e voluntários puderam perceber como o processo é laborioso e até chegar a um “produto final” diversas etapas precisam ser vencidas. Observamos também que há diversas implicações, linguísticas e/ou culturais, que devem ser levadas em consideração. Em outras palavras, não se trata apenas de uma simples transposição de um texto de partida para um texto de chegada. Tal discernimento nos ajudou a valorizar a profissão, em especial.

## 16 À Guisa de Conclusão

No presente artigo procuramos descrever o projeto de extensão FORTRALIT, desenvolvido no Instituto de Letras por docentes de várias línguas estrangeiras com o intuito de oferecer aos graduandos – sejam eles de bacharelado ou licenciatura – e ao público externo à UERJ – um espaço para reflexão teórica sobre a tradução, bem como para prática tradutória. Partiu-se do princípio de que há uma demanda tanto nos cursos de Letras quanto fora dele de um mínimo de formação em tradução no Rio de Janeiro.

O projeto foi concebido para seguir a didática da tradução tal como preconizada por Hurtado Albir (2005, 2020), isto é, partindo do fomento/desenvolvimento de (sub)competências tradutórias dos aprendizes, tendo por base o enfoque por tarefas. No âmbito do FORTRALIT foi escolhida, nesses primeiros anos de atividade, a tarefa da retradução (exercício de leitura, retradução velada (Evans, 2014, p. 205) ou retradução propriamente dita) como o instrumento capaz de oferecer ao mesmo tempo uma reflexão sobre a “incompletude” inerente ao processo tradutório - ao se comparar várias traduções, por exemplo – e um exercício prático de tradução seguido de reflexão e discussão a partir da comparação com modelos que seriam “canônicos”.

Apresentamos neste artigo uma atividade que faz uso de um texto literário mais popular e, por isso, a nosso ver menos intimidador, por assim dizer, para o estagiário que nunca teve a



---

experiência de tradução literária e que, por outro lado, teve várias experiências de leitura de originais na língua inglesa que, como mencionamos, aprendeu a preferir, por diversas razões, inclusive as financeiras. O resultado foi a visão de uma retradução relevante, possível entre as tantas outras possíveis. Destacamos, a partir da realização da tarefa e dos comentários dos estagiários, o uso deste instrumento como importante aliado para o ensino de tradução, já que não só pode promover a interação entre parceiros que trabalham (trabalharam) na execução de uma mesma tarefa, como também pode servir como instrumento promotor da reflexão retrospectiva acerca de uma tarefa já executada.

Os próximos passos do projeto FORTRALIT incluem a retradução de capítulos de uma obra de escritora inglesa moderna, com papel preponderante na literatura inglesa do modernismo. Trataremos, portanto, de um texto literário tido como clássico, ainda que não tenhamos como objetivo trabalhar com um dos textos mais aclamados pela crítica. A análise das retraduições desses capítulos por três tradutores diferentes já se encontra em processo. Uma quarta retradução será tarefa dos estagiários.

Creemos que pudemos oferecer aos estudantes e interessados em tradução que participaram das atividades um impulso significativo para desenvolver suas competências tradutórias com vistas a suas futuras atividades de tradução literária.

17

## REFERÊNCIAS

- Alves, F., Magalhães, C., & Pagano, A. (2000). *Traduzir com autonomia: Estratégias para o tradutor em formação*. Editora Contexto.
- Antunes, M. A. G. (1994). *Um estudo sobre feedback escrito em redações de aprendizes de inglês como língua estrangeira*. [Dissertação Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro].
- Antunes, M.A.G. (2018). A circulação da literatura brasileira nos Estados Unidos: o caso da série literatura brasileira em tradução da Tagus Press". *Matraga* 25(45), 513-528.
- Antunes, M.A.G., & Pessoa, D. (2018). *Diferenças e singularidades. Pesquisa em tradução no Instituto de Letras da UERJ*. Dialogarts.
- Arêas, A. (2018). Atualização e tradução de textos literários italianos do século XII ao XVIII. In M. A. G. Antunes, D. Pessoa (Eds.), *Diferenças e singularidades. Pesquisa em tradução no Instituto de Letras da UERJ* (pp. 29-35). Dialogarts.
- Bellos, D. (2011). *Is That a Fish in your Ear? Translation and the Meaning of Everything* Penguin Books.

---

Berman, A. (1990). "A retraduction comme espace de la traduction". *Palimpsestes*. 4.  
<http://palimpsestes.revues.org/596>

Biggs, J., & Tang, C. (2011). *Teaching for Quality Learning at University*. Open University Press.

Booth, M. (2008). Translator v. author. Girls of Riyadh go to New York. *Translation Studies*. 1(2), 197-211.

Braga, D. V. N. (2018). Metáphrase e paráphrase: os caminhos percorridos pelas traduções de grego nos corredores uerjianos. In M. A. G. Antunes, D. Pessoa (Eds.), *Diferenças e singularidades. Pesquisa em tradução no Instituto de Letras da UERJ* (pp. 36-45). Dialogarts.

Delisle, J. (1980). *L'Analyse du discours comme méthode de traduction*. Editions de l'Université d'Ottawa.

Desmidt, I. (2009). Retranslation revisited. *Meta*, 54(4), 669-683.

Evans, J. (2014). Translation as a critical practice: using retranslation when teaching translation. *Quaderns: Revista de Traducció*, 21, 199-209.

18 Gonçalves, J. L. V. R. & Machado, I. T. N. (2006). Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor. *Cadernos de Tradução*, 1(17), 45-69.  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6856/>

Gonçalves, J. L. V. R. (2015). Repensando o desenvolvimento da competência tradutória e suas implicações para a formação do tradutor. *Revista Graphos*, 17(1), 114-130.

Gürçağlar, Ş. T. (2009). Retranslation. In Baker, M. & Saldanha, G. (Eds.), *Routledge encyclopedia of translation studies* pp. 233-236. Routledge.

Hosseini, K. (2007). *A thousand splendid suns*. Riverhead Books.

Hosseini, K. (2007). *A cidade do sol*. M. H. Rouanet (Trad.). Nova Fronteira.

Hurtado Albir, A. (2005). A Aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In F. Alves, C. Magalhães, & A. Pagano (Eds.), *Competência em tradução: cognição e discurso* (pp. 19-57). Editora da UFMG.

Hurtado Albir, A. (2015). *Aprender a traducir del francés al español. Competências y tareas para la iniciación a la traducción. Guía didáctica*. Grupo Didascalía.

Hurtado Albir, A., Gomes, L. T., & Dantas, M. P. (2020). Competência tradutória e formação por competências. *Cadernos de Tradução*, 40(1), 367-416.  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2020v40n1p367>

Koskinen, K. & Paloposki, O. (2003). Retranslations in the Age of Digital Reproduction. *Cadernos de Tradução*, 1(11): 19-38.

- 
- Lefevere, A. (1991). Translation and comparative literature: the search for the centre. *Languages and Cultures in Translation Theories*, 4(1), 129-144.
- Marinetti, C. & Rose, M. (2013). Process, practice and landscapes of reception: An ethnographic study of theatre translation. *Translation Studies*, 6(2), 166-182.
- Moura, M. & Bolácio, E. S. (2018). Da prática à teoria e vice-versa: um projeto de tradução, exercício cultural e ensino de língua estrangeira (alemão) no Instituto de Letras da UERJ. In M. A. G. Antunes, D. Pessoa (Eds.), *Diferenças e singularidades. Pesquisa em tradução no Instituto de Letras da UERJ* (pp. 76-85). Dialogarts.
- Rabassa, G. (2011). *If This Be Treason: Translation and Its Dyscontents*. New Directions.
- Scott, C. (2006). *Translating Rimbaud's Illuminations*. University of Exeter Press.
- Schäffner, C, & Adab, B. (2000). *Developing translation competence*. John Benjamins Publishing.
- Todorov, T. (2009). *A literatura em perigo*. C. Meira (Trad.). DIFEL.
- Valente, M. (2018). Literatura afro-diaspórica em tradução: recepção de literatura traduzida na França, nos Estados Unidos e no Brasil. In M. A. G. Antunes, D. Pessoa (Eds.), *Diferenças e singularidades. Pesquisa em tradução no Instituto de Letras da UERJ* (pp. 76-85). Dialogarts.
- Venuti, L. (2002). *Escândalos da tradução: Por uma ética da diferença*. L. Pelegrin, L. M. Villela, M. D. Esqueda & V. Biondo (Trads.). Edusc.

---

<sup>1</sup> O projeto FORTRALIT conta com um estagiário bolsista de francês, um de alemão, um de espanhol, um de inglês, além de um bolsista que atua como revisor, pode ser classificado (informalmente) no nível B2 em inglês e é aluno do ILE na habilitação português/francês.

<sup>2</sup> Informações sobre bolsas EIC obtidas no sítio do CETREINA: <http://www.cetreina.uerj.br/site/sobre.php>. Acesso em 23/08/2020.

<sup>3</sup> Informações sobre bolsas de Extensão obtidas no sítio do DEPEXT: [http://www.sr3.uerj.br/depext/arquivos/aeda\\_programas/aeda\\_00271999\\_27091999.pdf](http://www.sr3.uerj.br/depext/arquivos/aeda_programas/aeda_00271999_27091999.pdf). Acesso em 24/08/2020.

<sup>4</sup> Disciplinas optativas de tradução oferecidas ao Bacharelado em Letras: Introdução aos Estudos de Tradução 1 e Introdução aos Estudos de Tradução 2.

<sup>5</sup> “[older] and/or different translations of one and the same text can be very illuminating” (tradução nossa)

<sup>6</sup> “the act of translating a work that has previously been translated into the same language, or the result of such an act, i.e. the retranslated text itself.” (tradução nossa)

<sup>7</sup> “exponents of the historical relativity of translation” (tradução nossa)

<sup>8</sup> “a number of case studies have challenged the earlier hypothesis by demonstrating that first translations are not always domesticating, and neither are all subsequent ones progressively more foreignizing” (tradução nossa)

<sup>9</sup> “a reading exercise” (tradução nossa)

<sup>10</sup> “practice describing and analyzing translations using relevant metalanguage” (tradução nossa)

<sup>11</sup> “stealth retranslation” (tradução nossa)

<sup>12</sup> “Giving peer feedback can help increase students’ own competence” (tradução nossa)

<sup>13</sup> “they are less likely to accept the published translation as the definitive version” (tradução nossa)

---

<sup>14</sup> “A second possible difficulty may appear if students do not feel they can criticise a published text.” (tradução nossa)

<sup>15</sup> “retranslation proper” (tradução nossa)

<sup>16</sup> “something that translators often need to do, especially in literary translation” (tradução nossa)

<sup>17</sup> Co-texto é visto aqui como “os textos que ocorrem em conjunto com ou antes de um texto e que influenciam o significado de um texto. A noção de co-texto sugere que, para entender um texto, são feitas suposições sobre textos anteriores que fornecem um contexto para a compreensão do texto.” (Richards & Schmidt, 2010, p. 140, tradução nossa)